

# Juliano Garcia Pessanha, o motorista do acostamento

PESSANHA, Juliano Garcia. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu Editora, 2018. 192 p.

Suelen Ariane Campiolo Trevizan\*

A condição marginal pode ter diversas causas, como a classe social, o gênero, a etnia, a orientação sexual, a região de origem, o posicionamento político etc. O caso de Juliano Garcia Pessanha (São Paulo, 1962) é curioso nesse aspecto, pois, mesmo não pertencendo a nenhum grupo minoritário, ele segue “no acostamento” (*apud* FERNANDES, 2020, p. 506), como Evandro Affonso Ferreira tão bem sintetizou sua trajetória. Tendo estreado há mais de vinte anos, com **Sabedoria do nunca** (1999), Pessanha pode ser considerado um veterano. Desde então, publicou **Ignorância do sempre** (2000); **Certeza do agora** (2002); **Instabilidade perpétua** (2009); **Testemunho transiente** (2015), que reúne os quatro primeiros títulos; e **Recusa do não-lugar** (2018). Seu trabalho já foi mencionado em estudos panorâmicos como **Literatura brasileira hoje** (2004), de Manuel da Costa Pinto, e **Mutações da literatura do século XXI** (2016), de Leyla Perrone-Moisés, no entanto, permanece quase desconhecido do grande público. Não espanta, portanto, que sua principal luta seja contra o não-lugar, questão explicitada no título de seu livro mais recente.

É preciso deixar claro em que consiste esse “não-lugar”, que vai além da falta de visibilidade social. Toda a literatura

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada do programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Bolsista CAPES. <https://orcid.org/0000-0001-6601-6070>.

pessaniana se funda sobre uma mesma questão: como é possível nascer do lado de dentro? Em outras palavras, como a maioria consegue vestir tão naturalmente identidades pré-determinadas (essa vida conformada é o que ele chama de “lado de dentro”), sem se surpreender com a erupção do acontecimento? Diante da pergunta filosófica “como algo pode ser, em vez de não ser?”, alguns apelam para explicações científicas, que elencam causas até certo ponto, mas nunca atingem o primeiro elo da cadeia; outros preferem as respostas absolutas das religiões, que colocam a vontade divina no princípio de tudo; muitos simplesmente evitam a pergunta; e uns poucos se mantêm em estado de perplexidade. Esses últimos, por não conseguirem se firmar em qualquer certeza, vivem na condição de exilados não importa onde estejam – esse é o não-lugar.

Em **Sabedoria do nunca**, Pessanha retratou personagens que, sofrendo com essa condição marginal de nível existencial, desejavam se instalar na zona da estabilidade, onde a angústia não seria a regra. Para isso, copiavam os gestos dos que pareciam seguros de si e acabavam por se autofalsear. A partir de **Ignorância do sempre**, esses excluídos, guiados por filósofos da negatividade como Martin Heidegger, Maurice Blanchot, Emmanuel Levinas e outros, passaram a transvalorar sua falta em mérito. Por não pertencerem à ordem social que medeia as diferenças e massifica as experiências, esses indivíduos se julgavam os mais capazes de criticar e, quiçá, abalar o lado de dentro. A posição intermediária referida como fenda ou umbral, que avalia a inserção (o dentro) a partir da exclusão (o fora), tem sido a perspectiva predominante dessa escrita até **Instabilidade perpétua**.

Apesar de manter uma estrutura semelhante à dos outros

livros – uma coleção de textos médios e curtos, em prosa ou verso, majoritariamente ensaísticos e calcados no testemunho –, **Recusa do não-lugar** surpreende os leitores antigos por não só abandonar a apologia do fora como criticá-la duramente. Pessanha atribui essa virada aos estudos sobre a esferologia de Peter Sloterdijk, tema de pesquisa no seu doutorado em Filosofia. Em tempos de guinadas reacionárias, vale destacar que reavaliar os méritos da filosofia da negatividade não significa aderir ao positivismo. São principalmente os pressupostos, mais do que os procedimentos, que se modificam.

Sloterdijk, em diálogo com ideias do psicanalista inglês Donald Winnicott, rejeita a visão heideggeriana de homem como alguém lançado no impessoal. Faz isso ao lembrar que o ser humano “é parido, recebido no mundo e transita de um espaço a outro. No início, sai do calor sonoro da piscina amniótica e da sustentação do íntimo placentário para encontrar o colo e o berço.” (PESSANHA, 2018, p. 44) Sustentação (*holding*) é a palavra-chave desse paradigma, que enfatiza como os indivíduos necessariamente derivam de relações com o outro – o divíduo precede o indivíduo.

Com base nisso, o escritor paulistano passa a compreender que os bem adaptados do dentro, em vez de meros alienados, são aqueles cujo *self* se fortaleceu graças à generosa acolhida de seus aliados. Já os excluídos resultam do desencontro e do abandono. A vida de estranhamento e exílio que esses levam, como efeito colateral, pode aproximá-los da produção literária – Pessanha até tenta romper com Blanchot, mas sua concepção de literatura ainda apresenta traços blanchotianos. Com a virada sloterdijkiana, essa exclusão do mundo deixa de ser considerada a opção mais digna em termos de experiência humana, passando a ser caracterizada como uma “catástrofe”.

Em dado momento, Pessanha compara Sloterdijk a Nietzsche. Para o paulistano, ambos encarnam a figura de “médico da cultura” (PESSANHA, 2018, p. 42) por proporem relações mais sãs com o corpo e com o outro. Embora Sloterdijk seja uma espécie de protagonista de **Recusa do não-lugar**, é Nietzsche quem delinea a moldura da obra, abrindo e fechando o livro. Este narra em primeira pessoa sua chegada desencontrada ao mundo no primeiro texto, “O mundo estranhado: esboço de filosofia fisionômica”. Em vez de hospitalidade, encontra signos dissonantes: “Meu corpo chegou pulsando vitalidade, já o corpo de minha mãe estava armado pelo espantinho de Cristo. Eu o abraçava, mas ele era imóvel e parecia uma cômoda de mármore.” (PESSANHA, 2018, p. 15-16) Em resposta a isso, sua filosofia negou os parâmetros da religião, da moral e da metafísica, na esperança de que esse gesto destruidor abrisse espaço para uma cultura mais sã.

A exemplo de Nietzsche, Pessanha também relata suas próprias recusas, sobretudo em relação a um modelo de pensamento negativo, que o impelia a dizer apenas “não”, sem se aproximar do desejado “sim”. No parágrafo final do último ensaio, “Nascer para dentro no mundo de hoje”, o narrador refere-se a si mesmo como um “recém-chegado às zonas de acessos e praças de alimentação do último homem” (PESSANHA, 2018, p. 165). A expressão “recém-chegado” já frequentava a escrita pessaniana desde **Sabedoria do nunca** para indicar quem olha o mundo pela lente do estranhamento. Já o “último homem” nietzschiano remete ao indivíduo moderno mediano, aquele que, fugindo de quaisquer incômodos, apequena-se. Para reforçar a ironia do termo, ele se vincula a “praças de alimentação”, um símbolo atual de cotidianidade e impessoalidade. Observemos

como essa curta frase explicita um movimento dialético que vem se esboçando ao longo do livro: qual é a síntese possível quando um elemento negativo, o excluído, ganha acesso à positividade?

Essa resposta não está dada em **Recusa do não-lugar**, o que aumenta a curiosidade acerca do próximo título a ser lançado por Pessanha. Esse “contorno de livro intermediário” já foi assinalado por Thiago H. Fernandes na resenha “Uma casa perto da casa dos homens para JP” (2018). O resenhista destaca ainda uma concepção de ficção que se depreende desse projeto, “construída por uma narrativa entre tempos; um presente que forja um passado e faz, enfim, vislumbrar um futuro na trama que se forma entre os textos.” (FERNANDES, 2018, p. 242) Mas que futuro é esse?

O que podemos afirmar por ora é que o narrador pessaliano parecem mais disposto a se comprometer, após ter reconhecido o esgotamento de seu projeto inicial. Ele explicita o desejo de encontrar o outro e de, a partir desse atravessamento, deixar descendência. Isso não significa que agora ele abraça todas as regras mercadológicas e passe a produzir em série e de modo diluído. O paulistano se mostra ciente de que isso não necessariamente levaria a encontros fortes. Como enfatizamos acima, sua concepção de literatura ainda bebe de fonte blanchotiana, por conseguinte, a criação artística exige dele uma relação com a linguagem muito própria, mediada pela ferida e pelo silêncio. O referido compromisso se observa em aspectos mais sutis, extra e intratextuais – por exemplo, na retomada da carreira acadêmica, com a conclusão do doutorado e a intensa participação em eventos, e no crescente interesse por filósofos epocais, como Georg Hegel e Hannah Arendt.

A figura do especialista, quase sempre rechaçada na tetralogia, torna-se ambígua em **Recusa do não-lugar**. Se, por um lado, Pessanha reconhece que o falar especializado é mais valorizado hoje do que a voz da experiência, e até por isso ele teria buscado a titulação acadêmica, por outro, observa que o especialista oferece um risco à literatura. Aqui precisamos seguir com cautela, destacando dois movimentos complementares, mas distintos.

O primeiro, já comentado acima, descreve como o fato de alguns indivíduos terem sido sistematicamente abandonados os aproxima do fazer artístico, isso quando eles não se tornam místicos ou mesmo loucos. O fato de haver qualquer “menino oco” (PESSANHA, 2018, p. 73) revela certas insuficiências do design esferológico vigente, que deveria amparar e não excluir. O segundo movimento é o de perceber que a literatura, apesar de resultar do desencontro, tem o potencial de promover o encontro. Isso é o que Pessanha chama de “paradoxo da exterioridade” (PESSANHA, 2018, p. 41). Em suma, esses dois movimentos combinados levam à percepção de que a literatura, apesar de resultar do desamparo, é capaz de romper esse isolamento e constituir comunidade. Trata-se de um veneno-remédio, como o “soro-antiofídico-Naja” mencionado em **Certeza do agora**.

Assim, percebemos que a obra de Juliano Garcia Pessanha, apesar de se desenvolver à margem, ou justamente por esse motivo, trata de integração – atenção: não confundir com homogeneização. Sua leitura desperta o desejo de cuidar do outro, de participar dessa comunidade respeitando o modo singular como cada um ressoa no mundo. Na divulgação de **Recusa do não-lugar** realizada na Feira Plana, em São Paulo, em março de 2018, um coro de jovens atores performava esse encontro

das diferenças ao ler passagens do livro de modo polifônico. O escritor também estava sobre o palco, mas sentado num canto, junto de algumas caixinhas dos vários remédios que ele toma diariamente. Parecia uma forma de reconhecer que sua vida só era possível graças à sustentação de outrem, mas sem eliminar seu antigo conflito com o aparelho médico.

Essa questão é uma das constantes na obra completa do autor, já que o diagnóstico, esse “ladrão do nome e da morte das pessoas” (PESSANHA, 2018, p. 24), restringe a vida à patologia. O nome da doença precede e delimita qualquer experiência, fazendo esquecer o rosto do homem que sofre – essa imagem aparece na performance sobre Kafka, em **Instabilidade perpétua**, mas também ecoa na incorporação de Nietzsche, em **Recusa do não-lugar**. Conforme se encaminha para o desfecho deste livro, o narrador testemunhal, que se cola a Pessanha, relembra com uma dose de humor autoirônico um diagnóstico que recebera no passado: “O paciente é esquizopata, histriônico, sensitivo, alcoolista de segundo grau e com mania de filosofia. Tem ainda identificação com o poeta Fernando Pessoa.” (PESSANHA, 2018, p. 155) Na sequência, ele diz concordar com a avaliação do médico, mas, o que indica a comicidade do discurso, mostra-se disposto a mudar apenas aquilo que (ainda) não é considerado doença, a tal “mania de filosofia”: “Se eu não podia despedir-me inteiramente dos vazios pessoanos e tornar-me uma espécie de sanduíche com um recheio denso de mundo interior, podia, ao menos, tentar liberar-me da mania de filosofia, uma mania que havia me deixado só, tão só quanto no dia em que cheguei ao mundo.” (PESSANHA, 2018, p. 155)

Trechos como esse sinalizam que devemos avaliar com muito cuidado a virada de Pessanha. Está óbvio que ele não

adentra a positividade triunfante, mas ainda não está claro qual o lugar possível para sua escrita. No momento, o “menino oco” tem apenas um “mobiliariozinho interno” (TREVIZAN, 2018). O humor, tão característico dele, vai preenchendo as lacunas que se abrem conforme o narrador se afasta da retórica negativa. A decisão de se positivar não se converte em convicções, apenas em novas dúvidas. Até mesmo a “mania de filosofia” ele parece ter dificuldade para largar, já que **Recusa do não-lugar** faz referência a mais de cem autores, em sua maioria filósofos. Essas tensões não-resolvidas demonstram a riqueza e a complexidade dessa literatura, que se apresenta sem qualquer convicção num mundo que demanda justamente o contrário, respostas afirmativas e fórmulas de sucesso. Talvez seja por isso que a obra pessaniana encontre dificuldades para sair do acostamento. Ao mesmo tempo, esse olhar humanizado de quem experimentou intimamente o fracasso, semelhante à trajetória de Kafka, parece ser sua maior força.

## Referências

FERNANDES, Thiago H. Persistência do não lugar literário: algumas questões com Juliano Garcia Pessanha. **Opiniões: revista dos alunos de literatura brasileira**, São Paulo, n. 16, p. 501-511, jul. 2020.

FERNANDES, Thiago H. Uma casa perto da casa dos homens para JP. **Em tese**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 238-243, mai./ago. 2018.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.



PESSANHA, Juliano Garcia. **Recusa do não-lugar**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Testemunho transiente**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

PINTO, Manuel da Costa. **Literatura brasileira hoje**. São Paulo: Publifolha, 2004.

TREVIZAN, Suelen Ariane Campiolo. O olhar do limiar: entrevista com Juliano Garcia Pessanha. **Revista Pessoa**, São Paulo, 13 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.revistapessoa.com/artigo/2612/o-olhar-do-limiar>>. Acesso em: 28 mar. 2019.

Recebido: 29/09/2020 // Aceito em 5/12/2020